

JORNAL DO BRASIL

Brasil não pode adotar modelo do México na dívida

31 DEZ 1987

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON — O Brasil não poderia converter parte de sua dívida externa em títulos a longo prazo nas mesmas condições que o México, segundo fontes americanas, tendo em vista as relações ainda tensas do país com seus credores internacionais. “Nas condições atuais de diálogo do governo Sarney com a comunidade financeira, seria difícil acertar um pacote desse tipo”, disse um funcionário americano ao JORNAL DO BRASIL.

A mesma fonte acrescentou que a falta de divisas também seria um grande obstáculo. “Para começar, o Brasil não tem 2 bilhões de dólares disponíveis de reservas para comprar bônus do Tesouro americano”, afirmou. Para montar a complexa operação financeira que permitirá ao México converter mais de 10 bilhões de sua dívida em títulos a longo prazo e reduzir sua dívida externa, o México conta com reservas de aproximadamente 11 bilhões de dólares.

Além disso, o atraso do Brasil na negociação de sua dívida também torna difícil ao país beneficiar-se da disposição americana de apoiar a conversão. No ano passado o México conseguiu que todos os seus credores reescalonassem o pagamento da dívida por um prazo de 20 anos. Até agora o Brasil não conseguiu sequer reescalonar o pagamento do principal da dívida vencido neste ano. Nem as propostas mais otimistas do governo brasileiro mencionam 20 anos de prazo para o pagamento do principal.

Outras dificuldades mencionadas por vários funcionários americanos têm a ver com a falta de um programa com o Fundo Monetário Internacional. Embora o ministro Bresser Pereira tivesse afirmado sua intenção de abrir negociações com o FMI a fim de estabelecer um programa de estabilização econômica, nada foi feito ainda nesse sentido.

Esse conjunto de fatores parece explicar a falta de receptividade do governo americano diante das propostas brasileiras de conversão da dívida em títulos a longo prazo. Fontes do Tesouro americano lembram que neste ano o governo Sarney declarou a moratória do pagamento de juros e adotou uma retórica “pouco construtiva” na discussão da dívida externa. “Isso assustou o pessoal do governo Reagan e os credores, dificultando o diálogo. Para restabelecer um clima de cooperação será necessária uma clara demonstração por parte do governo de que mudou de atitude, asseveram várias fontes.

“É difícil dizer agora se poderíamos ou não apoiar uma proposta semelhante à do México por parte do Brasil. Atualmente não parece haver clima”, disse um funcionário do departamento do Tesouro.

Em fins de agosto, o governo Sarney anunciou o desejo de converter parte da dívida em títulos, mas o secretário do Tesouro, James Baker, disse que a proposta levada pelo ex-ministro Bresser Pereira “não dá para começar a conversar”. A principal objeção de Baker tinha a ver com o caráter compulsório da proposta brasileira.

País começa a pagar os juros

BRASÍLIA — Os bancos credores do Brasil no exterior receberam ontem um comunicado conjunto do governo brasileiro e do comitê dos bancos, anunciando o início do pagamento dos juros da dívida externa que havia sido suspenso com a moratória, em 20 de fevereiro: o Brasil pagou pouco menos de US\$ 1,1 bilhão, um terço dos quais retirados de suas reservas (cerca de US\$ 357,5 milhões). O restante, aproximadamente US\$ 715 milhões, foi financiado pelos próprios credores, como parte do empréstimo-ponte de US\$ 3 bilhões obtido há duas semanas com o acordo provisório da dívida.